



## GT 01: EDUCAÇÃO FÍSICA E CONTEXTO ESCOLAR

### CULTURA CORPORAL: O “movimento” dialético entre ser humano e natureza

Leonardo Carlos de Andrade<sup>1</sup>  
Wanderson Pereira Lima<sup>2</sup>  
Jéssica da Silva Duarte de Andrade<sup>3</sup>

Agência Financiadora: não contou com financiamento.

**Palavras-chave:** Cultura Corporal. Educação Física. Marxismo. Escola.

#### Introdução

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa concluída, desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física e Infância da Universidade Federal de Goiás, intitulada “Concepções de Cultura Corporal de professores da educação infantil de uma escola pública do município de Goiânia-GO”. O objetivo foi analisar a concepção dos professores sobre a categoria Cultura Corporal. Portanto, este escrito se configura como um desdobramento da pesquisa inicial, consistindo em um ensaio, de natureza teórica que se consolida sob o aporte filosófico do marxismo.

Trata-se de uma análise sobre a categoria de Cultura Corporal, que segundo Soares et. al (1992) e diversos outros autores<sup>4</sup>, é o objeto de estudo da Educação Física. Nesse enredo, tecemos reflexões sobre a Cultura Corporal, versando fundamentalmente sobre seu fundamento central, em uma análise sincrônica e diacrônica (NETTO, 2011). Ademais, nosso objetivo neste ensaio é analisar o fundamento marxista que sustenta a categoria Cultura Corporal, tendo como referenciais primários a obra pioneira “Metodologia do Ensino da Educação Física” (SOARES et. al, 1992); produções que contribuíram diretamente para o desenvolvimento da categoria; os clássicos<sup>5</sup> do marxismo e de Marx<sup>6</sup>.

Entendemos que nessa particularidade histórica, a obra de Soares et. al (1992) ainda é a

---

<sup>1</sup>Professor na Pós-Graduação Lato Sensu – UFG Catalão e coorientador no Curso de Especialização da Universidade Estadual de Goiás – E-mail: [leonardoandradeprof@gmail.com](mailto:leonardoandradeprof@gmail.com)

<sup>2</sup>Mestre pela Universidade Federal de Goiás – E-mail: [wplima9@gmail.com](mailto:wplima9@gmail.com)

<sup>3</sup>Discente do Curso de Especialização da UFG Catalão – E-mail: [jessica\\_fef@hotmail.com](mailto:jessica_fef@hotmail.com)

<sup>4</sup>Souza Junior (2011); Silva (2013); Silva (2018); Andrade (2019), entre outros.

<sup>5</sup> “Clássico é aquilo que resistiu ao tempo, tendo uma validade que extrapola o momento em que foi formulado. Define-se, pois, pelas noções de permanência e referência. [...]” (SAVIANI, 2013).

<sup>6</sup> O termo marxismo ou marxistas é utilizado para definir os autores que seguem a corrente filosófica de marx, já o termo Marxiano ou propriamente Marx, define os escritos canônicos do autor.

referência teórico-metodológica mais desenvolvida no campo da educação física (SILVA, 2013). O livro em questão foi à gênese da abordagem crítico-superadora<sup>7</sup> e base da categoria Cultura Corporal. O movimento renovador da educação física que ocorreu na década de 90 bebeu da fonte das ciências humanas e sociais para consolidar a educação física, em uma verdadeira revolução científica<sup>8</sup>.

Nesse contexto, em um período histórico de pós-ditadura no Brasil o conceito de Cultura Corporal foi forjado em um compromisso político e social com a classe trabalhadora, fazendo a crítica ao paradigma esportivista e tomando como precípua a educação escolar como instância democrática, emancipatória e revolucionária<sup>9</sup>. Nesse processo de edificação gnosiológica e política, Soares et. al (1992) estabeleceu seus pilares na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2013) e na Pedagogia Libertadora (FREIRE, 1987).

Portanto, tendo a clareza da complexidade da categoria Cultura Corporal, vemos a necessidade de olhar mais de perto, ou como nas palavras de Marx (2010), saturar de múltiplas mediações buscando o real do nosso objeto. Tanto a corrente de Saviani (2013) quanto a de Freire (1987) tem influência da obra Marxiana, no caso da pedagogia histórico-crítica radicalmente e na pedagogia libertadora<sup>10</sup>, implicitamente. Portanto, já é inerente ao conceito de Cultura Corporal a 10 tradição marxista, porém em tempos de obscurantismo<sup>11</sup> e de disputa ideológica no campo da 11 educação física, devemos evidenciar enfaticamente o potencial transformador da Cultura Corporal e de seus fundamentos forjados no marxismo (ANDRADE, 2019).

Ademais, segundo Souza Junior (2011) o conceito de Cultura Corporal ainda está em movimento<sup>12</sup> e temos o compromisso de contribuir com seu desenvolvimento. Compreendemos o conhecimento da humanidade pela historicidade<sup>13</sup>, sabendo que não existe uma linearidade com o 13 real, mas sucessivas aproximações concretas. Portanto, coerentemente com o método que subsidia esse escrito, nos propomos a evidenciar e ressoar o fundamento central da categoria Cultura Corporal.

---

<sup>7</sup> *Uma das abordagens de ensino da Educação Física, que se destaca como uma tendência radicalmente marxista.*

<sup>8</sup> *Verificar em Kuhn (1997)*

<sup>9</sup> *Para Duarte (2018), o termo revolucionário à luz do marxismo diz respeito a superação da sociedade de classes.*

<sup>10</sup> *Rosas (2001) evidencia que Paulo Freire foi um leitor assíduo do Marxismo, porém deliberou suas veredas de luta de forma distinta, com vistas a uma sociedade mais igualitária e não revolucionária.*

<sup>11</sup> *Segundo Duarte (2018), obscurantismo beligerante é o quadro de anti-intelectualismo e a onda de conservadorismo que se encontra o Brasil, sendo que estas influências ideológicas só fortalecem a hegemonia burguesa.*

<sup>12</sup> *Essa categoria representa a complexidade dialética da realidade, onde o real concreto é síntese de múltiplas determinações. Portanto, a realidade e tudo que nela se encontra é passível de mudança, de transformação. O termo “movimento” empregado no título deste ensaio tem inspiração dupla nessa categoria, pois ao tempo que nos referimos ao “movimento corporal” também estamos ressaltando sua relação com movimento (enquanto dialética) como práxis. Portanto a ação corporal humana nunca será apenas deslocamento no espaço, ela é trabalho, ação sobre a natureza (MARX, 2010).*

<sup>13</sup> *Ver Marx (2010).*

Por fim, adiantamos aos calorosos leitores, que o método aqui empregado tem na materialidade seu ponto de partida, por isso é inseparável seu interesse teórico-científico do político-social. Portanto o ponto de partida é o fenômeno real, que se dá na atual conjuntura política e tem na Cultura Corporal possibilidades concretas e dinâmicas de emancipação/humanização. Assim, nessa compreensão de ciência enquanto “roda viva”<sup>14</sup>, vamos olhar mais de perto o trabalho em Marx e a aurora da Cultura Corporal.

### **Trabalho: A essência da categoria Cultura Corporal**

O trabalho aqui deve ser entendido como objetivação humana, criando e transformando a natureza mediante as externalizações de sua subjetividade. Constituindo assim sua própria sociabilidade, e principalmente sua subjetividade. Por meio do trabalho, o indivíduo é um ser particular e universal. Sendo que nesse processo de dupla relação, nesse contexto de reciprocidade, a consciência humana produz um objeto e é produzida por este mesmo objeto, em uma relação dialética entre objetivação e subjetivação.

Esse objeto de trabalho – que também é trabalho coagulado – é fruto de exteriorizações, objetivações da consciência, portanto, esse mesmo objeto de trabalho é constituído por atividade humana que se depositaram no decorrer da história da humanidade. Como a atividade e vida genérica o ser humano tem a capacidade de se distinguir dos animais, justamente por sua consciência “o objeto do trabalho é portanto a objetivação da vida genérica do homem: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectualmente, mas operativa, efetivamente, contemplando-se por isso, a si mesmo num mundo criado por ele[também em sua corporalidade]” (MARX, 2010).

Portanto, na relação com a natureza o homem cria e reproduz o mundo exterior sensível, compreendido em outras palavras como cultura. Da cultura universal da produção humana genérica advinda do trabalho, tematizamos aqui neste ensaio, uma particularidade, denominada como Cultura Corporal.

Assim na fronteira da investigação e da síntese nesse ensaio, advogamos que Cultura Corporal é trabalho. Souza Júnior et al. (2011), desenvolveu uma pesquisa retomando a produção do livro “Coletivo de autores de 1992”, sob a ótica dos autores originais, onde a Cultura Corporal foi objeto central. Segundo o autor a categoria se consolida no trabalho, mas detalhadamente como trabalho humano acumulado pela constituição histórica das relações metabólicas entre homem e

---

<sup>14</sup> *Referência a música “Roda Viva” de Chico Buarque que em nosso olhar contextualiza a vida de modo dialético, com contradições e, sobretudo em uma luta de classes, como visto no seguinte trecho: “A gente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar, mas eis que chega a roda viva e carrega o destino pra lá. Roda mundo, roda-gigante, roda moinho, roda pão o tempo rodou num instante nas voltas do meu coração”.*

natureza. Em outras palavras, são as manifestações da cultura humana, expressas prioritariamente pelas expressões corporais oriundas do trabalho humano e complexificadas diacronicamente com a constituição social, do mesmo modo que sincronicamente a luta de classes.

Não separamos a base material da existência, o processo de desenvolvimento humano da construção da cultura. Não separamos a superestrutura da infraestrutura da sociedade. O homem não nasceu praticando esporte, e muito menos relacionado esporte com saúde, mas, adquiriu, pelo trabalho, pelas atividades, as condições de produzir e reproduzir seu modo de vida onde as relações esporte e saúde foram se consolidando. Esta construção passa pelas relações do homem com a natureza e com os outros homens na manutenção da vida humana. Aí se constrói a cultura corporal – jogos, esportes, dança, ginástica, lutas e outras formas que tratamos pedagogicamente na escola (SOUZA JUNIOR, 2011).

Ademais, o ser humano cria e modifica o mundo exterior sensível pelo trabalho. A categoria trabalho, compreendida assim pois é uma ideação concreta da ação humana, indica que o homem não apenas se desloca, não se movimenta aleatoriamente, não se separa a vida humana do movimento humano. Portanto, as críticas que pesquisadores pigmeus fazem a Cultura Corporal a partir de um aparato ora existencialista, ora idealista de movimento é um equívoco, pois o ser humano não se mexe, ele “age”, e esse “agir” denominamos aqui como trabalho.

A Cultura Corporal foi fundamental para a autonomia da área no currículo escolar, visto que agora tem um objeto próprio indispensável para formação humana. Por conseguinte, ressaltamos seu potencial pedagógico emancipador, pois também tem suas raízes na concepção de ontologia do ser social (MARX, 2010), visto que no processo de complexificação da humanidade as manifestações corporais foram tipicamente modificadas a partir de um contexto histórico e cultural dado pelo trabalho, onde a corporalidade<sup>15</sup> é criada pelo homem e o constitui dialeticamente.

Existe no escopo do conceito de cultura corporal o objetivo de fomentar o salto qualitativo na apreensão do real, no que diz respeito as manifestações corporais, segundo Souza Junior (2011 p.12) “o aluno compreenda as relações sociais em que está inserido, conheça práticas corporais e possa não só ser um praticante, mas também um espectador crítico”. Segundo Escobar e Taffarel (2009) faltou um aprofundamento teórico no conceito de trabalho na obra inicial que conseqüentemente levou a demasiadas interpretações errôneas e fragilidades. Todavia, é fundamental retomarmos suas bases e edificarmos seu potencial emancipador e ontológico à luz da totalidade, historicidade e contradição.

---

<sup>15</sup> *A corporalidade é a materialidade corpórea do trabalho concreto, pois o homem só age na natureza a partir de sua dimensão biofísica que também é culturalmente concebida (SILVA, 2013)*

## Considerações finais

37

É fundamental e emergente que as bases marxistas da Cultura Corporal sejam demasiadamente ressaltadas, pois em tempos de obscurantismo o potencial revolucionário em favor da classe trabalhadora é estrategicamente velado. Segundo Souza Junior (2011) os próprios autores do livro “Metodologia do Ensino da Educação Física” se posicionam de modo distinto acerca Cultura Corporal, sendo que um polo tem radicalidade e coerência no marxismo (Celi Taffarel, Elizabeth Varjal e Michelle Ortega) e outro pólo que escolheu percorrer outras veredas. Ademais, por fim, acreditamos e defendemos que a cultura corporal se configura como elemento constituinte da produção cultural da humanidade, constituída nas relações históricas entre homem e natureza. Neste escopo, os jogos, esportes, lutas, ginásticas, danças, entre outros foram produzidos como objetivação humana que dialeticamente constitui particularidade do gênero humano. Portanto, entendemos que a essência da Cultura Corporal em sua concretude, como síntese de múltiplas determinações se dá no trabalho.

## Referências

- ANDRADE, L. C. PRÁTICA PEDAGÓGICA HISTÓRICO-CRÍTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA COM OS JOGOS INDÍGENAS E AFRICANOS. Cadernos de Formação RBCE, Florianópolis, nov. 2019.
- ESCOBAR, M. O. e TAFFAREL, C. N. Z. A cultura corporal. In HERMIDA, Jorge Fernando (org.). Educação Física: conhecimento e saber escolar. João Pessoa: EDUEPB, 2009. KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.
- MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo. Boitempo. 2010.
- ROSAS, Paulo. Depoimento I; Recife: cultura e participação (1950-64). In: FREIRE, Paulo. Educação e atualidade brasileira, São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2001.
- SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.
- SILVA, Efrain M. A pedagogia histórico-crítica no cenário da educação física brasileira. 2013. 122f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação Física). Programa de PósGraduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- SOARES ET. AL. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo. Cortez, 1992.
- SOUZA JUNIOR, M. et al. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p.391 - 411, 2011.